

DOI: [10.47456/krkr.v1i23.46908](https://doi.org/10.47456/krkr.v1i23.46908)

Saberes Ancestrais Pitaguary: Ka'aguy Mbo'e como estratégia de revitalização intergeracional dos conhecimentos tradicionais sobre plantas medicinais

Ancestral Knowledge Pitaguary: Ka'aguy Mbo'e as a strategy for intergenerational revitalization of traditional knowledge about medicinal plants

Sara Mércia Ferreira Batista
Reginaldo de Oliveira Nunes

Resumo: O presente trabalho investiga os saberes tradicionais do povo Pitaguary, com ênfase no uso das plantas medicinais e práticas curativas, visando a preservação cultural e a educação ambiental. Motivado pela urgente necessidade de revitalizar e valorizar o conhecimento indígena em um cenário de crescente urbanização, o estudo se baseia em entrevistas com idosos – os “velhos troncos” – e jovens da comunidade, revelando uma lacuna na transmissão do conhecimento entre gerações. Para promover esta ligação e facilitar o acesso ao conhecimento tradicional, foi criado um guia informativo denominado Ka'aguy Mbo'e (ensinamentos da floresta) contendo descrições detalhadas de plantas medicinais e suas aplicações. O Ka'aguy Mbo'e, produzido com a participação de membros da comunidade, busca aproximar as novas gerações de práticas culturais que estão se perdendo, além de funcionar como documento de memória coletiva e resistência cultural. Como resultado, este trabalho não apenas documenta conhecimentos essenciais para a identidade Pitaguary, mas também oferece uma estratégia para a continuidade e valorização dessas práticas em meio à modernização, contribuindo para a afirmação da identidade indígena e a preservação da biodiversidade.

Palavras-chave: Cultura; Indígena; Conhecimentos; Valorização; Pitaguary.

Abstract: This study investigates the traditional knowledge of the Pitaguary people, with an emphasis on the use of medicinal plants and healing practices, with a view to cultural preservation and environmental education. Motivated by the urgent need to revitalize and value indigenous knowledge in a scenario of increasing urbanization, the study is based on interviews with elders – the “old trunks” – and young people from the community, revealing a gap in the transmission of knowledge between generations. To promote this connection and facilitate access to traditional knowledge, an informative guide called Ka'aguy Mbo'e (teachings of the forest) was created, containing detailed descriptions of medicinal plants and their applications. Ka'aguy Mbo'e, produced with the participation of community members, seeks to bring new generations closer to cultural practices that are being lost, in addition to functioning as a document of collective memory and cultural resistance. As a result, this work not only documents knowledge essential to the Pitaguary identity, but also offers a strategy for the continuity and valorization of these practices amid modernization, contributing to the affirmation of indigenous identity and the preservation of biodiversity.

Key-words: Culture; Indigenous; Knowledge; Valorization; Pitaguary.

Introdução

A diversidade cultural indígena no Brasil é vasta, com mais de 305 etnias e mais de 274 línguas diferentes. No estado do Ceará, são reconhecidos 20 povos indígenas, entre eles os Pitaguary, Kariri, Tapeba e Tremembé, que compartilham uma ancestralidade comum, mas mantêm tradições, costumes e línguas distintas (Funai, 2023). Cada povo carrega consigo uma herança única, que abrange desde a forma como se relacionam com a terra até seus rituais religiosos e organização social. Embora a cultura indígena tenha elementos comuns, como a conexão com a natureza e o respeito aos ancestrais, as práticas e os conhecimentos de cada povo refletem suas particularidades e experiências ao longo da história. Sobre esse aspecto, Davi Kopenawa (Kopenawa & Albert, 2015, p. 54), destaca que “os brancos precisam entender que somos muitos povos, cada um com sua história, língua e visão de mundo”.

No entanto, apesar da riqueza cultural e da ancestralidade indígena, a falta de valorização desses conhecimentos é um desafio constante. A sociedade externa, muitas vezes, distorce o conhecimento indígena, resultando na estigmatização ou exotificação do povo. Além disso, um problema interno se agrava: muitos jovens indígenas, influenciados pelas pressões da vida moderna e pela ausência de espaços que favoreçam a vivência de práticas tradicionais, acabam se desconectando de sua identidade cultural. Isso compromete a continuidade dos saberes ancestrais e das tradições. Como alerta Daniel Munduruku (2017), é por meio da ligação com suas raízes que os jovens indígenas encontram sentido e força para lidar com os desafios do mundo contemporâneo.

Nesse contexto, torna-se ainda mais urgente valorizar os velhos troncos, que são os anciãos das comunidades indígenas, guardiões do conhecimento tradicional. Esses sábios são responsáveis pela transmissão oral de conhecimentos que vão desde o uso de plantas medicinais até histórias que explicam a origem do mundo e da própria etnia. O papel dos velhos troncos é essencial para garantir que as tradições não se percam ao longo do tempo. Suas histórias e ensinamentos preservam a memória coletiva e orientam as novas

gerações em um mundo cada vez mais distante das práticas ancestrais. Krenak (2019, p. 33), enfatiza que “os idosos carregam uma sabedoria que transcende o tempo; eles são nossos livros vivos, que falam a linguagem do espírito da terra”.

Partindo dessa premissa, é essencial estudar e documentar os conhecimentos indígenas. O levantamento dessas práticas, costumes e saberes é uma forma de garantir que eles não desapareçam diante das influências externas e internas. O meio ambiente, nesse contexto, assume papel de destaque, pois está profundamente enraizado nos conhecimentos indígenas. O conhecimento sobre as plantas, os ciclos da natureza e o manejo sustentável dos recursos naturais é parte vital da tradição de muitos povos indígenas. Potiguara (2004, p. 76) enfatiza que “o conhecimento ancestral sobre o uso das plantas e a preservação ambiental é um legado que precisamos documentar e proteger para as gerações futuras”.

A transmissão de saberes entre os mais velhos e os jovens representa um elemento fundamental para a preservação das tradições culturais. Esse diálogo intergeracional, conforme aponta Takuá (2017), permite que os jovens compreendam o valor dos conhecimentos ancestrais e os integrem às suas experiências no mundo atual. Segundo a autora, é justamente nessa troca entre diferentes gerações que reside a força da continuidade cultural, pois sem ela há o risco de enfraquecimento da identidade coletiva.

Diante desse cenário, este trabalho teve como objetivo investigar e revitalizar os conhecimentos indígenas da etnia Pitaguary, do estado do Ceará, com foco na educação ambiental e na preservação das tradições culturais. O trabalho se justifica pela necessidade urgente de preservar e disseminar esses conhecimentos, principalmente em um momento em que influências externas ameaçam a continuidade das tradições indígenas. Terena (2017, p. 91), enfatiza que “a educação indígena é uma ferramenta poderosa para reconectar os jovens com suas origens e fortalecer sua cultura”.

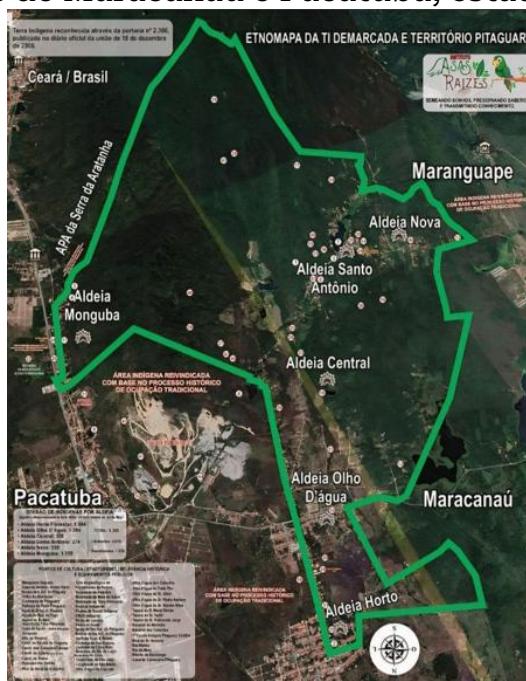
Por fim, o trabalho procurou documentar esses conhecimentos, propondo estratégias para sua valorização e continuidade, destacando a importância do papel das novas gerações na

preservação da cultura e da biodiversidade. Dessa forma, ao promover a troca de saberes entre idosos e jovens e destacar o valor da educação ambiental, o trabalho buscou contribuir para a manutenção e revitalização da cultura Pitaguary, garantindo que os saberes ancestrais permaneçam vivos e relevantes no mundo contemporâneo.

O caminho metodológico da pesquisa

O território indígena Pitaguary envolve áreas dos municípios de Maracanaú e Pacatuba, região metropolitana de Fortaleza, estado do Ceará (Figura 1). No município de Pacatuba, a comunidade Pitaguary concentra-se na Aldeia Monguba, que se caracteriza pela transição entre a área urbana e a Serra de Pacatuba. Esse território, embora em contato constante com a urbanização, preserva um espaço fundamental para o fortalecimento das práticas culturais e conhecimentos tradicionais da etnia.

Figura 1 – Representação das quatro aldeias do povo Pitaguary nos municípios de Maracanaú e Pacatuba, estado do Ceará.



Fonte: Instituto Asas e Raízes (2024)

A pesquisa foi desenvolvida especificamente com os indígenas da Aldeia Monguba, município de Pacatuba. A escolha deste território reflete a importância da comunidade na manutenção dos

conhecimentos tradicionais Pitaguary, com especial ênfase em suas práticas medicinais e culturais, que permanecem vivas mesmo em um cenário de crescente urbanização. O estudo explorou como os indígenas da Aldeia Monguba lidam com os desafios de preservar sua cultura em meio à expansão urbana e como esses conhecimentos podem ser resgatados e sistematizados para as gerações futuras.

Nesse contexto, o conhecimento tradicional da etnia Pitaguary foi documentado, com foco especial na educação ambiental e preservação cultural. Utilizou-se da produção de um guia didático, intitulado “Ka’aguy Mbo’e”, que significa “ensinamentos da floresta”, para fornecer uma abordagem detalhada e sistemática, facilitando a coleta e análise do conhecimento sobre a flora local e suas aplicações. A importância das práticas é destacada por Krenak (2019, p. 45) que afirma que “o conhecimento tradicional é um pilar essencial para a preservação da biodiversidade e da cultura indígena, funcionando com um elo entre o passado e o futuro”.

Assim, o processo metodológico da pesquisa foi dividido em três etapas, cada uma com suas atividades e objetivos específicos. A primeira etapa consistiu com entrevista com os troncos velhos da aldeia (idosos), a segunda etapa com os jovens indígenas e a terceira a produção do material didático (Ka’aguy Mbo’e) com as informações obtidas nas entrevistas.

Na primeira etapa, foram realizadas entrevistas com os anciões da comunidade, conhecidos como “troncos velhos”, para coletar informações detalhadas sobre as plantas medicinais utilizadas. A metodologia de entrevista foi semiestruturada, conforme descrita por Thiollent (2011), como sendo a usada para obtenção de dados aprofundados e consistentes, que neste caso, foi sobre o uso e a importância das plantas medicinais. As entrevistas foram conduzidas de forma a garantir a precisão e a profundidade das informações. Os dados coletados foram comparados com as informações obtidas durante uma trilha com os mais jovens (segunda etapa). Essa comparação foi organizada em uma tabela destacando semelhanças e diferenças entre o conhecimento dos jovens e dos anciões. A terceira etapa consistiu na elaboração do “Ka’aguy Mbo’e” contendo

informações coletadas durante as entrevistas com os “troncos velhos”. Esse recurso foi elaborado para sistematizar e disseminar o conhecimento adquirido sobre as plantas, utilizando-se de uma abordagem colaborativa, que segundo Thiollent (2011) é uma forma de combinar o conhecimento científico com o saber tradicional. O “Ka’aguy Mbo’e” foi disponibilizado no instagram do projeto (<https://instagram.com/ecopitaguary>). A participação dos anciões da comunidade foi fundamental para a validação das informações sobre as plantas medicinais, reforçando o valor do conhecimento oral como fonte de transmissão cultural.

Os resultados e suas implicações

O território Pitaguary é uma região rica em biodiversidade e cultura ancestral. Os Pitaguary, assim como outros povos indígenas, possuem profundo conhecimento da flora local, principalmente no que se refere às plantas com usos medicinais e culturais. Preservar esse conhecimento é fundamental para a manutenção de práticas tradicionais e fortalecimento da identidade cultural e continuidade das tradições. Segundo Santos (2021, p. 112), a “preservação do conhecimento tradicional é fundamental para a identidade dos povos indígenas, uma vez que esse conhecimento é transmitido de geração em geração e constitui a base da cultura comunitária”.

Na primeira etapa da pesquisa (entrevista com os troncos velhos), participaram duas idosas da Aldeia Monguba, Dona Valdira Pitaguary e Dona Liduína Pitaguary (Figura 2).

Figura 2 – Entrevista com os troncos velhos da etnia Pitaguary. A: Dona Valdira Pitaguary; B: Dona Liduína Pitaguary e sua filha Francilene Pitaguary.



Fonte: Registros da Pesquisa (2024)

Ambas compartilharam seus conhecimentos valiosos sobre as plantas culturais e medicinais utilizadas no território indígena Pitaguary. A primeira contribuição para a pesquisa foi da entrevistada Dona Valdira Pitaguary, uma anciã de setenta anos e liderança do povo Pitaguary de Pacatuba. Nascida e criada dentro da Aldeia, Dona Valdira esteve envolvida em movimentos importantes desde jovem, incluindo as retomadas de espaços territoriais e a participação nas festas tradicionais do povo, sendo uma liderança ativa nas reuniões do povo Pitaguary. Ela fala com grande satisfação sobre sua trajetória como indígena, expressando orgulho e alegria por tudo que fez e ainda faz pelo movimento Pitaguary. Durante a entrevista, Dona Valdira ressaltou que, embora hoje seja considerada um “tronco velho”, ela se esforça para manter suas tradições vivas em pequenas ações do dia a dia, seja em um ritual, na hora de produzir algum medicamento, fazendo seus artesanatos e utensílios indígenas, ou até mesmo na hora de fazer sua alimentação.

Valdira conta sua história cultural Pitaguary, destacando seu papel não apenas como liderança indígena, mas também como guardiã de plantas medicinais e dos saberes antigos transmitidos por seus antepassados. Ela enfatiza que sua preocupação em preservar e transmitir esses conhecimentos para as gerações futuras está diretamente ligada ao cargo que ocupa como Conselho Local de

Saúde. Valdira expressa a necessidade de resgatar esses saberes, que estão se perdendo em meio à modernidade e às escolhas que os jovens de hoje fazem. Em seu relato, destaque que:

os jovens de hoje em dia só querem saber de ir atrás dos doutor pra se curar ou ir atrás de remédio nessas internet, no meu tempo, a gente pegava as plantas e fazia era um chá, e era bom demais [...] até mesmo quando vão se pintar, nem todos procuram o urucum ou o jenipapo, agora usam essas maquiagem pra fazer os traços (Valdira Pitaguary, 2024).

Durante a entrevista, Dona Valdira contribuiu com a pesquisa compartilhando seu conhecimento sobre doze plantas medicinais que ela e sua família utilizam quando estão enfermos, explicando detalhadamente como essas plantas são tradicionalmente usadas pelos indígenas Pitaguary. As plantas mencionadas por Dona Valdira foram: Aroeira, Babosa, Capim Santo, Colônia, Corama, Goiabeira, Jenipapo, Mastruz, Mutamba, Pau Branco e Vassourinha. Cada uma dessas plantas possui um papel importante na medicina tradicional da comunidade, sendo usadas para tratar diversos males e reforçar a conexão com os saberes ancestrais.

A segunda entrevistada, Dona Liduína, uma anciã conhecida como um “tronco velho” dentro da comunidade Pitaguary, que está presente na aldeia e no movimento indígena desde muito jovem. Após o falecimento de seu esposo, Pajé Barbosa, Dona Liduína juntamente com seus filhos assumiram um papel muito importante dentro da aldeia indígena, sendo respeitada como “mãe do povo” e guardiã de histórias e saberes tradicionais. Ao longo da entrevista, Dona Liduína enfatizou a importância das plantas medicinais, destacando que esses conhecimentos não são valiosos apenas para a comunidade indígena, mas para todos.

Ela compartilhou experiências pessoais nas quais foi curada exclusivamente pela medicina tradicional, sem precisar recorrer a postos de saúde ou hospitais, e relembrou que, em tempos passados, quando morava na serra, o difícil acesso aos serviços de saúde tornava a natureza a escolha mais viável e eficaz para o tratamento de doenças. Esse relato reforça a importância de manter vivos os saberes ancestrais sobre as plantas medicinais, especialmente em um

contexto de crescente urbanização e perda de conhecimento tradicional. Dona Liduína, enfatiza em sua fala que:

Olha a história, verídica essa história. A pessoa tava doente do câncer, e aí ele não tomava água em casa não, só tinha o olho d'água que ele tomava água, tava desenganado pelos médicos. Ele só tomava água naquele cantinho, tinha a vasilha dele que quando ele tinha sede ia lá e bebia água no olho-d'água [...] passou o tempo e fizeram exame nele, e não tinha mais o câncer, o médico falou que só podia ser de alguma planta que tinha na água que ele tava tomando, pois tu acredita que a água que ele tava tomando tava pegando a raiz da planta? Diz aí que era o mussambê (Liduína Pitaguary, 2024).

Dona Liduína relatou que apesar de hoje ter um melhor e fácil acesso aos postos de saúde, o quintal de casa continua sendo sua busca quando enferma. Além de ressaltar a importância, ela também enfatizou em sua fala que sente saudade de quando os mais novos optavam pelas plantas ao invés de fármacos, e expressou sua preocupação com esses saberes que estão se perdendo, dizendo o que gostaria que fosse feito, conforme sua fala:

Eu percebi o quanto nós ‘perdemos’. A facilidade das coisas aqui faz com a gente fique desinteressado pelas coisas da nossa cultura [...] muitos se interessam em aprender, mas muitos não tá nem aí e fica brincando, rindo, mexendo no celular, nem ligam para os conhecimentos [...] as pessoas hoje prefere ir no médico, ir comprar um anador, do que ir num pajé atrás de rezar, pedir uma garrafada de raiz pra aquilo que tá precisando [...] na serra nós não tinha nada, era difícil, se levasse um corte, pra aquele corte parar o sangue era a ‘noda’ da banana verde. cortava o nó da banana verde pingava ali em cima e pronto (Liduína Pitaguary, 2024).

Para finalizar a entrevista, Dona Liduína falou sobre algumas plantas e outros nos quais ela faz uso e que poderiam ser usadas para compor o “Ka’aguy Mbo’e”. Foram as plantas alfavaca, alho, babosa, bananeira, casca da ameixa, casca da cajazeira, casca da palmeira, casca da romã, casca do juazeiro, casca do pau branco, casca do pajaú, casca do sabiá, casca de cumaru, coentro, coco babão maduro, cupim, folha de eucalipto, folha de pitanga, folha do mussambê, hortelã, malvarisco, mastruz, mussambê, mutamba, noda da banana verde, palha da cebola branca, querosene, raiz da carnaubeira, raiz de pepaconha, raiz do pedregoso, xanana.

A segunda fase da pesquisa consistiu em uma roda de conversa com integrantes da Juventude Indígena Pitaguary (JIPY). Neste momento, optou-se por realizar uma entrevista em formato de círculo de conversa, com uma abordagem descontraída, visando explorar os saberes tradicionais relacionados às plantas medicinais e culturais, que os participantes haviam aprendido por meio de seus pais, avós e/ou outros membros do movimento indígena.

A roda de conversa foi iniciada com uma pergunta norteadora: “O que vocês entendem por plantas medicinais e culturais que existem no território?”. A partir dessa questão, os jovens compartilharam, de maneira superficial, seus conhecimentos sobre as plantas, indicando onde, como e por quem haviam adquirido tais informações. Entre as respostas, destacaram-se afirmações como:

Acho importante manter os saberes, mas hoje temos remédios que substituem algumas plantas medicinais.

As vezes é mais fácil pesquisar no Google.

Dá preguiça para conversar com os mais velhos para aprender.

Outro questionamento relevante foi o motivo pelo qual os jovens não estavam tão ativos na preservação da cultura indígena, especialmente no que se refere ao uso das plantas presentes na aldeia. As respostas indicaram que, embora reconheçam a importância das plantas, muitos preferem recorrer aos postos de saúde e aos medicamentos industrializados em vez em buscar os remédios tradicionais cultivados em seus quintais, justificando, em parte, pela praticidade. Foi mencionado, ainda, que não há um esforço frequente para dialogar com os anciões e aprender diretamente deles, visto que é mais fácil acessar informações pela internet, por meio de plataformas como o Tik Tok e YouTube, onde há diversos conteúdos sobre o tema.

Um momento significativo da roda de conversa foi quando os jovens foram questionados sobre algumas plantas mencionadas pelos anciões da comunidade. A partir das respostas, elaborou-se uma tabela comparativa (Tabela 1) entre os saberes dos anciões e os saberes dos jovens sobre determinadas plantas, com o objetivo de

verificar se o conhecimento estava sendo transmitido ou se estava, de fato, se perdendo.

Tabela 1 – Comparação entre os saberes tradicionais dos idosos e jovens sobre plantas medicinais usadas dentro do território indígena Pitaguary.

Planta	Idosos	Jovens
Olho da Goiabeira	Usada para tratar diarreia.	Para diarreia.
Casca de Pajau	Corta-se, deixa-se de molho e toma-se para dor.	“Não sei o que é”.
Alho	Faz-se chá, cortado bem miudinho, para cólica.	“Deve ser para o tratamento de dor no estômago”.
Hortelã	Faz-se chá para acalmar os nervos.	“Acredito que seja para dor de cabeça, dor no corpo”.
Mastruz	Pisa-se, coloca-se sobre o osso, e amarra-se um pau para servir como tensor (para osso)	“Deve servir para problema nos ossos”.
Jenipapo	Retira-se o suco do jenipapo maduro e toma-se para gastrite, fraqueza e tosse.	“Serve para fazer a tinta que usamos e acredito que o suco sirva para fraqueza”.

Fonte: Dados da pesquisa (2024).

Uma comparação entre o conhecimento de jovens e idosos, como ilustrado na tabela, revela uma diferença significativa na compreensão do uso dessas plantas. Enquanto os mais velhos têm conhecimento detalhado sobre as plantas e seus usos, como a casca do pajaú para dor, os jovens demonstram pouco ou nenhum conhecimento. Essa lacuna no conhecimento reforça a urgência de repassar esse conhecimento para que ele não se perca ao longo do tempo.

Esse momento de interação com a juventude foi de grande importância para identificar o quanto os saberes tradicionais estão se diluindo entre os jovens e o quanto o presente trabalho se faz necessário para resgatar, registrar e perpetuar esses conhecimentos, garantindo sua preservação para as futuras gerações. Nesse sentido, o “Ka’aguy Mbo’e” desempenha um papel central: ao registrar o conhecimento tradicional de forma clara e acessível, facilita o acesso dos jovens a essas informações, mesmo que eles não procurem os mais velhos diretamente.

A terceira etapa incluiu a produção de um guia didático (“Ka’aguy Mbo’e”) que contém descrições detalhadas das plantas e suas aplicações, bem como fotografias das mesmas (Figura 03).

Figura 3 – Capa e algumas páginas do guia didático produzido (“Ka’aguy Mbo’e”).



Fonte: <https://www.instagram.com/ecopitaguary>

Esse processo de elaboração teve como base a pesquisa colaborativa, que integrou a comunidade no processo de construção do conhecimento. Conforme argumenta Freire (1996) o diálogo entre diferentes saberes é essencial para uma educação emancipadora e inclusiva.

A produção do “Ka’aguy Mbo’e” foi realizada utilizando-se da plataforma Canva, com o objetivo de valorizar elementos que abrangem a cultura indígena. O projeto priorizou manter as falas dos “troncos velhos” da aldeia Pitaguary na forma em que foram transmitidas, adaptando a linguagem para que os leitores pudessem compreender a fala tradicional.

Na confecção do “Ka’aguy Mbo’e”, foram escolhidas cores que frequentemente estão associadas à cultura indígena, como o marrom, que remete às palhas de saias e às raízes ou caules de árvores, e o verde, que simboliza a natureza. Além disso, foram incorporados trechos de músicas utilizadas nos rituais indígenas, incluindo canções do toré, para enriquecer a experiência cultural do leitor.

O material produzido reúne saberes de curas com 32 plantas e 10 outros itens distintos utilizados pelos anciãos da aldeia Pitaguary. Esses saberes incluem plantas e outros recursos, listados a seguir:

alfavaca, alho, aroeira, babosa, bananeira, capim santo, casca da ameixa, casca da cajazeira, casca da palmeira, casca da romã, casca do juazeiro, casca do pau branco, casca do pajaú, casca do sabiá, casca de cumaru, coentro, coco babão maduro, cupim, folha de eucalipto, folha de pitanga, folha do mussambê, goiabeira, hortelã, jenipapo, malvarisco, mastruz, mussambê, mutamba, noda da banana verde, palha da cebola branca, pau branco, querosene, raiz da carnaubeira, raiz de pepaconha, raiz do pedregoso, urucum, vassourinha e xanana (Tabela 2).

Tabela 2 – Saberes indígenas tradicionais, incluindo o uso de plantas medicinais e outros elementos naturais aplicados em tratamento de saúde e cuidados pelo povo Pitaguary do Ceará.

Planta/Ingrediente	Uso/Preparação	Indicação
Babosa, Mussambê, Vassourinha, Malvarisco	Cozinhar todos, coar e adicionar açúcar.	Lamedor para tosse.
Cupim	Retira-se o cupim da casca e cozinha-se. Usa-se a casca para fazer o lamedor.	Tosse e Fraqueza.
Coco babão maduro	Cozinha-se o coco, amassa e retira-se a polpa. Faz-se o lamedor com o caldo e adiciona açúcar. Pode adicionar folha de eucalipto para mudar o sabor.	Tosse e Fraqueza.
Mussambê, Xanana, Raiz de Pedregoso, Vassourinha	Lava-se e deixa de molho, mistura-se com raízes de carnaubeira e coco babão, cozinha e faz uma garrafada	Inflamação, Limpeza do Útero e Gastrite.
Mussambê, Palmeira	Moer as folhas de mussambê e a casca de palmeira e fazer o pó.	Tratamento de Câncer.
Banana Verde	Corta-se o mangará (noda) da banana verde e pinga-se o líquido no local do sangramento, amarrando um pano.	Sangramento s.
Mastruz	Pisa e aplica sobre o osso, amarra um pau como tensor.	Unir os ossos.
Juazeiro	Cozinha a casca, fazendo uma pasta, peneira e aplica sobre a ferida. Lava com água morna e passa o óleo de coco.	Cicatrização de Feridas.
Romã, Mastruz, Ameixa	Tosta-se tudo, transformando em pó e mistura com goma, aplicando na ferida junto com óleo.	Tratamento de Feridas.
Alho	Faz o chá, cortando bem miudinho.	Cólica.
Coentro	Faz o chá.	Cólica.
Vassourinha	Chá feito com 12 raízes de vassourinha após o período menstrual.	Alívio das Dores Menstruais.

Mutamba, Ameixa	Faz uma garrafada com casca de mutamba e casca de ameixa	Gastrite e Dor no Estômago.
Pajau	Corta-se a casca, deixa de molho e toma.	Dor.
Jenipapo	Retira-se o suco do jenipapo maduro e toma.	Gastrite, Fraqueza e Tosse.
Cajazeira, Sabiá, Pau Branco	Cozinha a casca de cajazeira com as demais.	Tratamento para Tosse.
Cebola Verde	Pega a palha, passa na manteiga, esquenta, coloca-se em um pano e aplica na garganta.	Tosse para Crianças.
Cebola Branca	Deixa com açúcar no sereno e toma a água no dia seguinte.	Tosse para Crianças.
Hortelã	Faz o chá.	Alívio Geral, inclusiva para crianças.
Pepaconha	Coloca-se um pedaço da raiz na água do mingau.	Vermes e ajuda no nascimento dos dentes das crianças.
Malvarisco, Corama, Eucalipto, Hortelã, Vassourinha, Mussambê	Cozinha tudo, coa e adiciona açúcar para fazer um lambedor.	Tosse (crianças e adultos).
Pitanga	Faz o chá das folhas.	Diarreia.
Goiabeira	Faz o chá do olho da goiabeira.	Diarreia.
Eucalipto, Alfavaca, Mastruz, Casca de Cumaru	Cozinha tudo junto para banho.	Banho medicinal para crianças.
Querosene	Passa na lamparina e depois no nariz.	Desentupir o nariz.
Alfavaca, Eucalipto	Cozinha e deixa o vapor no quarto, próximo à rede ou cama.	Ajuda a dormir melhor.
Bananeira (Mangará)	Corta, coloca açúcar e no dia seguinte toma-se o mel formado.	Aliviar coceira na Garganta.

Fonte: Dados da Pesquisa (2024).

A produção do “Ka’aguy Mbo’e” sobre as plantas medicinais se insere nesse contexto como instrumento fundamental para a preservação e valorização dos conhecimentos tradicionais. O

“Ka’aguy Mbo’e”, compilado a partir do conhecimento compartilhado pelos mais velhos, registra o modo de preparo e os usos medicinais de diversas plantas, como jenipapo, matumba e mastruz. O objetivo deste estudo não foi apenas documentar essas práticas, mas também tornar esses conhecimentos acessíveis às novas gerações, muitas das quais não procuram diretamente os mais velhos em busca desses conhecimentos.

Além disso, o “Ka’aguy Mbo’e” serve como uma ferramenta de memória coletiva, ajudando a preservar e compartilhar práticas que são centrais para a cultura Pitaguary. Como aponta Potiguara (2004), a falta de interesse dos jovens pelos conhecimentos ancestrais está ligada à influência da modernidade e à valorização de soluções rápidas oferecidas pela medicina ocidental. Dessa forma, o “Ka’aguy Mbo’e” não só preenche essa lacuna, mas também atua como uma ponte entre gerações, tornando o conhecimento mais acessível e moderno, sem perder seu valor ancestral.

A urbanização e a perda de territórios também foram mencionadas por Krenak (2019) como fatores que contribuem para o enfraquecimento dessas tradições. Nesse sentido, o “Ka’aguy Mbo’e” surge como estratégia de resistência cultural, registrando e disseminando conhecimentos que, de outra forma, poderiam ser perdidos. Plantas como jenipapo e mutamba, cujos usos são cada vez menos conhecimentos pelos jovens, são exemplos de como o guia pode contribuir para preservar esses conhecimentos e continuar sendo utilizados medicinal e culturalmente.

Em vista disso, iniciativas de educação pautadas nos conhecimentos indígenas, como a criação do “Ka’aguy Mbo’e”, surgem como fundamentais para revitalizar essas práticas. Nesse contexto, o “Ka’aguy Mbo’e” se destaca como um veículo de transmissão de conhecimento que não apenas protege, mas compartilha amplamente esse conhecimento ancestral, fortalecendo a identidade e a resistência cultural do povo Pitaguary.

Considerações Finais

A proteção e a revitalização dos conhecimentos tradicionais do povo Pitaguary vão além do simples ato de conservar o conhecimento ou valorizar os elementos presentes em nosso cotidiano. É um profundo compromisso com a preservação de um legado construído ao longo de gerações, uma forma de honrar a luta e a trajetória de nossos antepassados. Essa preservação representa não apenas o respeito às nossas histórias, mas também uma responsabilidade vital de passar esse conhecimento para as gerações futuras.

Nesse contexto, a criação do “Ka’aguy Mbo’e” se mostrou uma ferramenta crucial para manter viva a cultura do povo Pitaguary, um povo rico em plantas e conhecimentos relacionados à medicina tradicional. O “Ka’aguy Mbo’e” não é apenas um documento informativo, mas um elo entre o passado e o futuro, um meio de garantir que as práticas ancestrais continuem sendo reconhecidas e valorizadas no cotidiano das novas gerações.

Por isso, acreditamos que esta pesquisa não deve se limitar ao presente trabalho, mas deve inspirar estudos adicionais sobre o resgate de outros conhecimentos tradicionais, tanto do povo Pitaguary quanto de outras comunidades indígenas. É fundamental buscar diferentes formas de disseminar esse conhecimento, não só entre os mais jovens, mas também entre a comunidade não indígena. Os povos nativos possuem um vasto e rico acervo de conhecimentos que, para serem plenamente valorizados, precisam de visibilidade. Conhecer e reconhecer a importância de suas histórias e lutas é essencial para a construção de uma sociedade mais justa e respeitosa.

Por isso, ao promover a valorização e transmissão dos conhecimentos tradicionais, contribuímos para a resistência cultural e afirmação da identidade do povo Pitaguary, garantindo que seus conhecimentos e experiências não apenas sobrevivam, mas floresçam nas gerações futuras.

Referências

- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. 17. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FUNAI. Fundação Nacional dos Povos Indígenas. **Levantamento sobre os povos indígenas no Brasil.** 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/funai/pt-br/assuntos/noticias/2023/dados-do-censo-2022-revelam-que-o-brasil-tem-1-7-milhao-de-indigenas>. Acesso em: 15 set. 2024.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu:** palavras de um xamã yanomami. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

MUNDURUKU, Daniel. **O banquete dos deuses:** conversa sobre a origem e a cultura brasileira. 2. ed. São Paulo: Papirus, 2017.

POTIGUARA, Eliane. **Metade cara, metade máscara.** Rio de Janeiro: Palas Athena, 2004.

SANTOS, João. **A identidade cultural e a preservação dos saberes tradicionais indígenas.** Fortaleza: Editora da Universidade Federal do Ceará, 2021.

TAKUÁ, Cristine. O ensino de histórias e culturas indígenas pelo olhar da educadora. **Moitará:** Revista Eletrônica da Fundação Araporá, n. 4, v. 5, jan./dez., 2017. Disponível em: https://fundacaoarapora.org.br/wp-content/uploads/2022/03/V5_N4_2017.pdf. Acesso em: 12 maio 2025.

TERENA, Marcos. **Educação e resistência:** a importância da educação indígena no fortalecimento cultural. Brasília: Editora Nacional, 2017.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação.** 18 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

Sobre os Autores

Sara Mércia Ferreira Batista
saramerciabio@gmail.com

Liderança jovem indígena do povo Pitaguary do Ceará. Graduação em Ciências Biológicas pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). Professora na Escola Indígena.

Reginaldo de Oliveira Nunes
reginaldonunes@unilab.edu.br

Professor Associado da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), no Instituto de Ciências Exatas e da Natureza (ICEN), curso de Licenciatura em Ciências Biológicas. Pós-doutorado em Educação (Universidade de Lisboa), Doutorado e Mestrado em Fitotecnia (UFV), Especialista em Didática do Ensino Superior (FACIMED) e Graduação em Pedagogia (FAEL) e em Ciências Biológicas (UNEMAT).